

Dívida externa atrai investidores

■ Patrimônio de novo fundo pode ir a US\$ 3 bilhões

AGUINALDO NOVO

SÃO PAULO — O telefone não parou de tocar ontem na sala do diretor da Área Internacional do BBA Creditanstalt, Eduardo Vassimon. Eram clientes, na maioria grandes empresas, querendo detalhes sobre o funcionamento do fundo de investimento em títulos da dívida externa, autorizado pelo Banco Central na sexta-feira passada. “Só nesse primeiro dia, fechei a captação de US\$ 1 milhão”, disse Vassimon. A quantia dá a medida do mercado aberto pelo BC. Segundo avaliação dos bancos, a nova aplicação teria fôlego para reunir um patrimônio de US\$ 3 bilhões já em 1995.

Além do BBA, pelo menos quatro outros bancos começaram a divulgar o produto: ING, Icatu, Liberal e CCF (Credit Commercial de France). O ABC-

QUANTO OS BANCOS EXIGEM

Valor da aplicação mínima no novo fundo

BANCO

R\$

BBA Creditanstalt

100 mil

ING Bank

10 mil

Icatu

5 mil (*)

Banco Liberal

20 mil

Banco CCF

20 mil

(*) Valor provisório; fonte: bancos

Roma, o Garantia, o Citibank e o Patrimônio (associado ao Salomon Brothers), para citar apenas esses, prometem engrossar o grupo nas próximas semanas.

É preciso ter muito dinheiro para apostar no novo fundo. As quantias exigidas para a aplicação inicial variam de R\$ 5 mil, no caso do Icatu, até R\$ 100 mil, valor fixado pelo BBA. Por esse motivo, o foco dos bancos deve recair sobre grandes instituições (como seguradoras) e empresas com dívidas em moeda estrangei-

ra, já que o fundo serve como proteção contra variações abruptas do câmbio.

Regras — Pela regulamentação baixada pelo BC, os fundos de investimento, no exterior devem ter, no mínimo, 60% de suas carteiras aplicadas em títulos da dívida externa brasileira. Os outros 40% são de aplicação livre, mas sempre em títulos externos. Esta composição, diferentemente do que sustenta o governo, descredencia o novo produto como um simples fundo de renda fixa

em dólar. Ao contrário. O investidor terá de ter uma boa dose de sangue frio na hora de direcionar seu dinheiro, uma vez que a rentabilidade do fundo vai depender da desvalorização futura do real e da alta dos títulos da dívida externa negociados no exterior.

A curto prazo, ninguém vai ficar milionário com o novo fundo. Uma conta feita por Marcos Falcão, diretor do banco Icatu, mostra que a valorização projetada pelo fundo nos próximos meses perde das aplicações indexadas aos juros internos. A diferença seria de 1 ou 1,5 ponto percentual. A médio e longo prazos, no entanto, o cenário é promissor.

“O novo fundo não é para especulação. É, sim, um instrumento fantástico de longo prazo”, afirma Falcão. Ele aposta, por exemplo, que a eventual vitória de Fernando Henrique Cardoso nas eleições puxaria para o alto as cotações dos títulos da dívida externa.